

Campos de refugiados

suas vulnerabilidades diante da pandemia do novo Coronavírus

Marina Morena Alves

“Seria um milagre impedir o vírus de entrar nos campos... e é perigoso esperar que milagres aconteçam: o Coronavírus não respeita fronteiras ou arame farpado”. Este é o depoimento de Steven Van de Vijver, um médico voluntário no campo de refugiados de Moria, na Grécia, para o *The Guardian* em abril (SMITH, 2020). Com condições precárias relacionadas à superpopulação e insalubridade, os campos de refugiados são extremamente vulneráveis à pandemia do novo Coronavírus. Medidas eficazes contra esse vírus, como o distanciamento social e a constante higienização das mãos, são impossíveis em campos com mais de 40.000 pessoas por km² e sem acesso à água potável, como é o caso de Kutupalong, em Bangladesh (THE ECONOMIST, 2020).

Em 2020, aproximadamente três milhões de refugiados vivem em campos como o Kutupalong ao redor do mundo (UNREFUGEES, 2020). Os campos de refugiados são locais provisoriamente estruturados por Organizações Não-Governamentais (ONGs) ou Organizações Internacionais (OIs) para providenciar proteção e assistência àqueles que se deslocam forçadamente devido à violência, conflito ou perseguição (UNREFUGEES, 2020). Com condições precárias de moradia e saneamento, os refugiados ficam mais vulneráveis a doenças diarreicas, desnutrição e infecções (UNITEFORSIGHT, 2010). Nesse contexto, como as epidemias tendem a causar um grande impacto nesses locais, a pandemia do novo coronavírus representa um novo tipo de ameaça para os campos de refugiados, sendo uma questão de tempo até atingi-los (SUBBARAMAN, 2020).

A fim de analisar essa conjuntura, é necessário compreender como funciona o acesso à saúde nesses locais, avaliando sua preparação para os possíveis efeitos do Coronavírus. Além disso, também é imprescindível entender como as dificuldades atreladas à higiene e à superpopulação estão sendo perpassadas pela ajuda humanitária, principalmente de ONGs e OIs, e, em alguns casos, pelo auxílio governamental. Com esse intuito, foram selecionados para análise três campos de refugiados: Moria, Ilha Lesbos na Grécia, Kutupalong, em Bangladesh e, por último, Corredor de Afgooye, na Somália. Esses três locais se diferenciam pelas suas características político-geográficas e particularidades, definindo divergências e similaridades quanto ao impacto do Coronavírus.

Antes de aprofundar essa análise nesses casos específicos, cabe ressaltar que muitos campos de refugiados, como Kutupalong, de Bangladesh, possuem hospitais específicos gerenciados por ONGs e atendimento médico por voluntários; já outros seguem o padrão definido pelo Alto Comissariado da Organização das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) de encaminhamento de refugiados ao mesmo tratamento civil. Tal padrão parte do acesso à saúde enquanto direito humano e possui como principais objetivos o fortalecimento das lideranças locais e o apoio de autoridades governamentais relacionadas à saúde pública (UNHCR, 2020).

Em suma, a ajuda humanitária é essencial em campos de refugiados. No entanto, tal atuação na área da saúde é dificultada pelo difícil acesso e o baixo suprimento de instrumentos médicos e remédios direcionados a esses campos. Ademais, os recursos, já restritos, quando somados a uma superpopulação são sobrecarregados, o que dificulta o suprimento constante de alimentos – e de água potável – para todos. Cabe ressaltar que, por cada campo ter suas particularidades, a ajuda não pode ser generalizada, tendo que atender os empecilhos sócio-políticos, especialmente a relação com o governo local e as lideranças comunitárias (BLUNDELL; MILLIGAN; NORRIS; GARNER, 2018).

Nesse sentido, a saúde do campo de refugiados encontra-se atrelada a ajuda humanitária e a atuação ou apoio dos governos locais – tendência que também se faz presente na atual pandemia do novo coronavírus –, mas como os campos selecionados interagem com esse padrão? As particularidades de Moria, na Grécia, de Kutupalong, em Bangladesh e Corredor de Afgooye, na Somália, definirão uma atuação diversa frente à pandemia? Para responder essas perguntas, cada campo de refugiados será analisado separadamente, a fim de fomentar comparações ao final desta análise. O primeiro campo a ser analisado é o de Moria, na Grécia.

Moria, Grécia

Em março de 2020, o presidente turco Recep Tayyip Erdogan expulsou refugiados sírios da Turquia e deslocou-os para a Grécia: o que resultou numa das maiores crises migratórias da Europa (BREMNER, 2020). Contudo, já em abril de 2020, a emergência do coronavírus tomou as prioridades europeias, deixando cerca de 50.000 refugiados em uma situação incerta em território grego (RESCUE, 2020). Nesse contexto, os campos de refugiados localizados nas ilhas gregas aumentaram sua população exponencialmente e tiveram profundas dificuldades relacionadas ao acesso à água potável e alimentos.

Construído para 3.000 pessoas e atualmente com 20.000, o campo Moria, na Ilha grega de Lesbos, encontra-se superpovoado: 325 pessoas, em média, precisam dividir uma torneira e 15 a 20 pessoas dormem dentro de um contêiner (OXFAM, 2020a). À vista disso, o isolamento social e a quarentena tornam-se improváveis, restando questionar a possibilidade de contaminação pelo Coronavírus e o acesso à saúde. Na Ilha Lesbos já existem casos confirmados do novo Coronavírus na população local que, por sua vez, frequenta o mesmo hospital que os refugiados que necessitam de ajuda médica. Essa situação potencializa o risco de infecção externa e, ao entrar no campo, a propagação não poderá ser impedida (SMITH, 2020).

O acesso de refugiados a hospitais nacionais faz parte da provisão de serviços de saúde do Alto Comissariado da Organização das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), contando com o suporte de autoridades locais de saúde pública. Esse é o procedimento padrão e, simultaneamente, parece ser o mais arriscado durante a pandemia do Coronavírus; contudo, não há outra alternativa. ONGs que trabalham em Moria manifestaram a falta de testes dentro do campo e o acesso a serviços básicos, tornando necessária a intervenção da organização Médicos sem Fronteiras para instalar estruturas hidráulicas para o acesso à água potável (SMITH, 2020). Ademais, com a pressão internacional, 350 milhões de euros provenientes da União Europeia (UE) foram destinados ao suporte de refugiados, incluindo os que residem em Moria (SMITH, 2020).

É fato que a superpopulação de Moria, combinada às condições inadequadas de higiene e saneamento, pede urgentemente uma evacuação do campo, visto que a Grécia, sob a égide do artigo 12 do Pacto Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (ONU, 1966) tem o dever de garantir a prevenção, tratamento e controle de epidemias que afetam àqueles sobre sua custódia, incluindo os refugiados. Entretanto, como substituto da evacuação, apenas medidas paliativas estão sendo exercidas pelo governo grego, como a quarentena do campo e a transferência de alguns idosos para hotéis em Atenas (FALLON, 2020). Em suma, é notável que a atuação das ONGs e OIs em Moira é constante, além da transparência e acessibilidade do governo diante da situação – existe intensa cobertura midiática sobre os trâmites da pandemia dentro do campo.

Kutupalong, Bangladesh

Por outro lado, em Kutupalong, a perseguição do governo de Bangladesh aos Rohingya demarca uma situação muito mais crítica, além de ser um campo trinta vezes maior que Moira, com 600.000 refugiados (ISCG, 2020). Kutupalong abriga os Rohingya, uma minoria muçulmana apátrida – não titular de qualquer nacionalidade – que foi duramente perseguida a partir de 2017 por militares do Mianmar. Kutupalong por ser um dos campos mais densos e superpopulosos, possui condições insalubres: a água está contaminada e os banheiros interditados (OXFAM, 2020b).

À vista disso, uma pesquisa dirigida na Universidade Johns Hopkins (EUA) apontou que, com a chegada do Coronavírus em Kutupalong, 73% dos refugiados seriam contagiados, no melhor cenário, e 98% no pior; ademais, os cinco hospitais – organizados por ONGs – estariam superlotados após 58 dias (ABRAHIM et al., 2020). No entanto, a provável chegada do COVID-19 em Kutupalong já está afetando a atuação das ONGs que resolveram reduzir o número de voluntários e cessar, temporariamente, as atividades não essenciais, como a educação não formal. Com isso, ficaram os responsáveis pela assistência médica e distribuição de comida (SUBBARAMAN, 2020); esses profissionais também realizam ações para informar os residentes do campo, e seus líderes, sobre o novo Coronavírus.

Tanto as ONGs quanto os refugiados enfrentam uma situação particular: o serviço telefônico e o acesso à internet foram restringidos e os celulares proibidos pelo governo de Bangladesh na área de Kutupalong, impedindo a comunicação instantânea e o acesso às informações online sobre a pandemia (SUBBARAMAN, 2020). Essa situação pode causar problemas no campo, visto que é provável o compartilhamento de informações verbais inverídicas sobre o coronavírus, dificultando o atendimento médico e aumentando a sua propagação.

Como uma tentativa de intensificar a prevenção ao coronavírus, o ACNUR dobrou a distribuição de comida (THE ECONOMIST, 2020), tentando amenizar a desnutrição e fortalecer a defesa do organismo dos refugiados. Mesmo assim, é evidente que o acesso à água potável é escasso, assim como o suprimento de remédios e máscaras, tornando preocupante a situação do campo durante a pandemia. Um ponto a ser considerado sobre Kutupalong é a quarentena do campo, que foi iniciada no dia 24 de abril de 2020 (REUTERS, 2020), e representa uma tentativa de abrandar a propagação do novo coronavírus. Contudo, não são visualizadas outras ações de Bangladesh, causando pânico nos trabalhadores humanitários: “Nós, a comunidade humanitária, definitivamente não estamos prontos” (CARE *apud* THE ECONOMIST, 2020).

No segundo campo analisado, é possível perceber a falta de apoio e atuação do governo local, envolvendo, até mesmo, uma atuação negativa ao cortar a comunicação e acesso à internet em Kutupalong. Essa situação reverbera uma situação mais alarmante para as ONGs e OIs, especialmente no tocante aos recursos básicos destinados ao campo de refugiados que, pela falta de apoio, se tornam insuficientes e aumentam a vulnerabilidade de um grupo já vulnerável, tornando-o mais suscetível à doenças e, conseqüentemente, à propagação do novo coronavírus.

Corredor de Afgooye, Somália

O último campo a ser analisado na verdade se concretiza enquanto um grupo de campos de refugiados localizados nos arredores de Mogadishu, capital da Somália, denominado o Corredor de Afgooye. Pouco conhecido, esse local se define como a maior concentração de pessoas deslocadas no mundo: O ACNUR estima que 3.2 milhões de refugiados são residentes desse local, baseando-se em imagens de satélite (BEAUMONT, 2010). No entanto, o Corredor de Afgooye é inacessível à jornalistas e agências internacionais de ajuda humanitária – tanto ONGs quanto OIs (BEAUMONT, 2010). Essa situação revela uma particularidade do campo: se trata de uma área particular com monitoramento privado que limita o acesso do público externo, incluindo médicos e assistentes de saúde (SUBBARAMAN, 2020). Além disso, os *gatekeepers*, como são denominados os que fazem esse monitoramento, não dão acesso a grupos humanitários internacionais, e nem ao governo somali.

A resposta à pandemia dentro desse campo se dará exclusivamente pela atuação da população local e por um grupo de médicos somali que estão trabalhando para alavancar a criação de um *call center* nacional para atender as pessoas por telefone nos casos de suspeita de COVID-19, evitando o atendimento presencial. No entanto, Mohamed, residente do Corredor de Afgooye entrevistado pelo jornal The Guardian, ressaltou: “(...) Não fazemos testes, Não temos respiradores. (...) Tudo que o resto do mundo está usando na luta contra o COVID-19, nós não temos” (SMITH, 2020).

Além das problemáticas relacionadas ao coronavírus, os refugiados de Mogadishu não têm acesso, muitas vezes, a alimentos, o que modifica suas prioridades nesse momento, assim como a constante falta de água potável – que não é garantida pelo governo (BURKE; MUMIN, 2020). A situação do Corredor de Afgooye demonstra dificuldades ao não ser receptor de um apoio do próprio governo somali ou de ajuda humanitária externa. Além disso, a assistência médica é afetada pela falta de equipamentos e suprimentos, o que pode ser fatal na pandemia do novo coronavírus.

Considerações Finais

Os campos de refugiados são extremamente vulneráveis a pandemia e a chegada do vírus se constata como uma corrida contra o tempo. Pelos fatos mencionados, é possível afirmar que a propagação do novo coronavírus nesses locais será potencializada pelas condições inadequadas e insalubres de higiene e moradia. Muitos campos não possuem acesso à água potável ou estão superpovoados, tornando impossível não só o distanciamento físico, mas também as medidas básicas de higiene utilizadas na luta contra o coronavírus, como lavar as mãos e a utilização de máscaras.

Além disso, a iminente chegada da pandemia também torna visível a precariedade do atendimento médico que, por sua vez, vulnerabiliza os refugiados ao ser comum a utilização de hospitais civis - aumentando as chances de contágio - e chega a ser impossível o atendimento *in loco* para os casos do coronavírus, tendo em vista a capacidade limitada das ONGs e OIs que sofrem com a falta de testes e respiradores acessíveis. Com isso, o impacto do coronavírus nos campos de refugiados pode ser desastroso, especialmente naqueles que não possuem apoio governamental ou humanitário, como é o caso do Corredor de Afgooye, ou um “anti-apoio” como é o caso de Kutupalong em Bangladesh.

Num plano ideal seria necessária a evacuação e deslocamento das pessoas dos campos para apartamentos e hotéis, tomando os cuidados com o transporte até esses locais, priorizando refugiados em grupos de risco - idosos, com doenças crônicas, pessoas com deficiência, mulheres grávidas e menores desacompanhados (HUMAN RIGHTS WATCH, 2020). No entanto, esse tipo de medida depende de um apoio governamental e políticas contra a disseminação do vírus que visualizem os refugiados - o que, por muitas vezes, são inexistentes. Essas políticas também deveriam incluir o tratamento universal de refugiados em centros de saúde pública dos países, incluindo a testagem e o tratamento (HUMAN RIGHTS WATCH, 2020), porém a resistência das autoridades de saúde pública deixa evidente o temor de sucateamento das estruturas locais de saúde.

Além dessas medidas, mais atreladas ao governo local, as ONGs e OIs estão realizando um trabalho de suprir os campos com produtos de higiene adequados e tentando também garantir o acesso à água potável em massa para os residentes (THE ECONOMIST, 2020). Um dos principais objetivos é trazer informações sobre o coronavírus para os refugiados, afirmando seus sintomas e medidas preventivas; esse é um trabalho muito importante para a conscientização dos campos sobre o risco do coronavírus e, simultaneamente, aumentar a receptividade aos médicos voluntários. No entanto, cabe ressaltar que, em Bangladesh, esse trabalho corre sérios riscos pelos cortes de comunicação realizados pelo governo, que dão espaço a uma série de informações errôneas dentro dos campos, complicando o trabalho dos médicos (THE SMITH, 2020).

Em suma, os impactos do coronavírus em campos como Moria, Kutupalong e o Corredor de Afgooye, dentre outros, serão inevitáveis e intensos, sendo essa pandemia uma nova ameaça que revela a vulnerabilidade dos refugiados e pessoas deslocadas ao redor do mundo. Contudo, há esperança de minimização desse impacto com a ação humanitária de ONGs e OIs que estão trabalhando incansavelmente com a obtenção de recursos e transmissão de informações sobre vírus, além de pressionar governos locais para que medidas sejam tomadas acerca do tratamento médico e testagem dos refugiados - além de sua evacuação.

Tal posicionamento tem surtido efeito especialmente nos campos de refugiados localizados na Grécia: a evacuação gradual de aproximadamente 2,5 mil refugiados e suas famílias já foi iniciada, eles serão deslocados das ilhas gregas para o continente, ficando em alojamentos preparados pelo governo grego (EKATHIMERINI, 2020). Esse esforço afirma a importância da atuação conjunta de ONGs, OIs e do governo local para os campos de refugiados, especialmente em uma situação tão crítica quanto a pandemia do novo coronavírus.

Mas não é possível esquecer que essa não é a regra: muitos campos, como os de Bangladesh e Somália, não possuem essa integração e são mais vulneráveis ao impacto do coronavírus. Ou seja, a pandemia revela muitas desigualdades, dentre elas as presentes também em campos de refugiados que, pelas suas particularidades, são mais ou menos suscetíveis à ajuda humanitária e apoio do governo local.

Referências

ABRAHIM, Orit et al. COVID-19 Projecting the impact in Rohingya refugee camps and beyond. **MedRxiv**. 2020. Disponível em: <https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.03.27.20045500v1.full.pdf>. Acesso 1 mai 2020.

FALLON, Katy. Greece quarantines camp as 20 refugees test positive for COVID-19. **Al Jazeera**. 2020. Disponível em: https://www.aljazeera.com/news/2020/04/woman-greece-refugee-test-positive-coronavirus-200401111738369.html?utm_source=website&utm_medium=article_page&utm_campaign=read_more_links. Acesso 30 abr 2020.

BLUNDELL, Harriet; MILLIGAN, Rachael; NORRIS, Susan; GARNER, Paul. WHO guidance for refugees in camps: systematic review. **BMJ Open**. 2018. Disponível em: <https://bmjopen.bmj.com/content/9/9/e027094>. Acesso 30 abr 2020.

EKATHIMEIRINI. More than 2,300 refugees to be transferred to mainland after Easter. **Ekathimerini**. 2020. Disponível em: <https://www.ekathimerini.com/251769/article/ekathimerini/news/more-than-2300-refugees-to-be-transferred-to-mainland-after-easter>. Acesso 1 mai 2020.

HUMAN RIGHTS WATCH. Greece: Move Asylum Seekers, Migrants to Safety. **Human Rights Watch**. 2020. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2020/03/24/greece-move-asylum-seekers-migrants-safety#>. Acesso em 1 mai 2020.

ISCG. Bangladesh: Cox's Bazar Refugee Population (as of 31 March 2020). In **Sector Coordination Group Bangladesh (ISCG)**. 2020. Disponível em: <https://reliefweb.int/map/bangladesh/bangladesh-cox-s-bazar-refugee-population-31-march-2020>. Acesso 1 mai 2020.

SUBBARAMAN, Nidhi. "Distancing is impossible": refugee camps race to avert coronavirus catastrophe. **Nature**. 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-020-01219-6>. Acesso 29 abr 2020.

ONU. Pacto Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais. **ONU**. 1966. Disponível em: https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/pacto_internacional.pdf. Acesso 30 abr 2020.

OXFAM. Como estão os campos de refugiados em meio à pandemia do coronavírus? **Oxfam**. 2020a. Disponível em: <https://oxfam.org.br/blog/como-estao-os-campos-de-refugiados-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus/>. Acesso 30 abr 2020.

OXFAM. Crise de refugiados Rohingya. **Oxfam**. 2020b. Disponível em: <https://oxfam.org.br/ajuda-humanitaria/crise-de-refugiados-rohingya/>. Acesso 1 mai 2020.

RESCUE. Refugees in limbo Greece. **Rescue**. 2020. Disponível em: <https://www.rescue.org/country/greece>. Acesso 8 mai 2020.

REUTERS. "Just one case": fears coronavirus may spread like wildfire in world's refugee camps. **Reuters**. 2020. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-refugees/just-one-case-fears-coronavirus-may-spread-like-wildfire-in-worlds-refugee-camps-idUSKBN21F0OW>. Acesso em 1 mai 2020.

THE ECONOMIST. The world's refugee camps are a coronavirus disaster in waiting. **The Economist**. International. 2020. Disponível em: <https://www.economist.com/international/2020/04/06/the-worlds-refugee-camps-are-a-coronavirus-disaster-in-waiting>. Acesso 29 abr 2020.

SMITH, Helena. "Coronavirus doesn't respect barbed wire": concern mounts for Greek camps. **The Guardian**. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2020/apr/07/coronavirus-doesnt-respect-barbed-wire-concern-mounts-for-greek-camps>. Acesso 30 abr 2020.

BURKE, Jason; MUMIN, Abdalle. Mogadishu's refugees "waiting for death" as COVID-19 reaches Somalia. **The Guardian**. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2020/mar/24/mogadishu-refugees-waiting-for-death-as-covid-19-reaches-somalia>; Acesso em 1 mai 2020.

BEAUMONT, Peter. The Afgooye corridor: world capital of internally displaced people. **The Guardian**. 2010. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/poverty-matters/2010/oct/04/somalia-afgooye-corridor-displaced-people>. Acesso em 1 mai 2020.

BREMMER, Ian. What Happens Next with Syrian Refugees, Europe and Coronavirus. **TIME**. 2020. Disponível em: <https://time.com/5823475/syrian-refugees-europe-coronavirus/>. Acesso 30 abr 2020.

UNHCR. Health in camps. **The UN Refugee Agency (UNHCR)**. 2020. Disponível em: <https://emergency.unhcr.org/entry/54565/health-in-camps>. Acesso 30 abr 2020.

UNITEFORSIGHT. Module 1: Healthcare in Refugee Camps and Settlements. **Unite for Sight**. 2010. Disponível em: <http://www.uniteforsight.org/refugee-health/module1>. Acesso 29 abr 2020.

UNREFUGEES. Refugee Camps. **USA for UNHCR**. 2020. Disponível em: <https://www.unrefugees.org/refugee-facts/camps/>. Acesso 29 abr 2020.